

Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Profissional: Desafios e Perspectivas

Os cursos de Bacharel em Administração inseridos na expansão do ensino superior: benefícios e reflexões

SANDRA MATOS

Centro Paula Souza – São Paulo – Brasil

sandmatos19@hotmail.com

CARLOS VITAL GIORDANO

Centro Paula Souza – São Paulo – Brasil

giordanopaulasouza@yahoo.com.br

Resumo – Baseado em pesquisadores que estudam a expansão do ensino superior e a massificação do curso de Bacharel em Administração nas Instituições de Ensino Superior (IES) privadas, este artigo tem o objetivo de refletir a respeito de benefícios, oportunidades e possíveis limites impostos aos egressos. O questionário aplicado foi enviado a um grupo que concluiu o curso de Bacharel em Administração em 2004 na mesma IES privada. Houve a constatação de significativa evolução profissional e satisfação dos membros do grupo. Entretanto, não foram identificados profissionais nas posições mais elevadas.

Palavras-chave: Ensino Superior, Bacharel em Administração, IES Privadas, Expansão do Ensino Superior.

Abstract – Based on researchers who study the expansion of higher education and the massification of Bachelor courses in Business in the private institutions of higher education, this article has the aim of reflecting on the benefits, opportunities and possible limits imposed to the graduated people. The questionnaire applied was sent to a group who majored in Business in 2004, in the same private institution. There was a considerable professional evolution and satisfaction among the members of the group. However, the study did not identify professionals in higher position.

Keywords: Higher Education, Bachelor in Business, Private Institution of Higher Education, Higher Education Expansion

1. Introdução

Entre 1995 e 2010 o Brasil presenciou significativa expansão do ensino superior, com ênfase nas instituições privadas e em algumas áreas de conhecimento. Takahashi (2010) entende que a predominância de determinados cursos em relação a outros se dá por diversos fatores, não estando somente relacionada à preferência profissional, mas também ao número de vagas ofertadas e ao custo financeiro dos cursos.

Bertero (2006) coloca que nenhuma área de ensino assumiu a dimensão da administração em suas diversas opções de empresas pública e privada. Este fato é justificado por Paula e Rodrigues (2007) ao afirmarem que a combinação entre uma grande procura de vagas e o custo relativamente baixo de implantação torna os cursos de Bacharel em Administração atraentes para universidades privadas.

Embora o curso de Bacharel em Administração nas IES de custo competitivo requeira atenção e incite reflexões, é possível identificar evolução intelectual e profissional por parte dos egressos?

Este artigo não objetiva contestar críticas existentes a respeito da expansão do ensino superior e da massificação dos cursos de Bacharel em Administração nas IES de custo competitivo, mas refletir sobre a existência de benefícios e oportunidades geradas para os egressos e possíveis limites e barreiras existentes. Para realizar o estudo foi aplicado questionário a um grupo focal buscando: mapear objetivos, perfil acadêmico e profissional dos entrevistados antes de iniciar o curso; apurar salários, cargos e o desenvolvimento no mercado após a conclusão do ensino superior; verificar se houve continuidade dos estudos após a graduação; identificar expectativas e satisfação com o curso.

2. Referencial Teórico

A privatização e a fragmentação institucional, dentro da expansão do ensino superior, atrai atenção de muitos pesquisadores. A educação superior no Brasil é recente se comparada com outros países, mesmo das Américas, pois diferentemente da Espanha, que instalou universidades em suas colônias americanas já no século XVI, Portugal proibiu a criação dessas instituições. Somente estabelecimentos jesuítas poderiam oferecer cursos superiores em Filosofia e Teologia, dando origem ao primeiro estabelecimento de ensino superior na Bahia em 1550. Em 1808, diante da invasão estrangeira, a sede do reino transferiu-se para o Brasil, trazendo os livros da Biblioteca Nacional. O rei D. João VI, ainda príncipe regente naquele momento, criou cátedras isoladas de ensino superior para a formação de profissionais (CUNHA, 2011).

Após a II Guerra Mundial, a industrialização e a urbanização geraram o início da pressão pelo aumento de vagas na graduação, provocando uma vigorosa expansão do sistema universitário federal entre 1950 e a década de 1970. Após este período a opção foi pela privatização, reservando-se ao poder público a regulamentação, fiscalização e controle do sistema por meio do Ministério da Educação e do Conselho Federal de Educação, posteriormente substituído pelo Conselho Nacional de Educação (BERTERO, 2007).

Seguindo as tendências de privatização e fragmentação, o Brasil inicia novo e intenso processo de expansão do ensino superior na segunda metade da década de 1990.

Após analisar os dados dos cursos de graduação entre 1991 e 2011, Ristoff (2013) aponta que o sistema de educação superior está em permanente expansão, em diferentes níveis de aceleração, de acordo com diversos fatores de influência. Nos anos que se seguiram à promulgação da atual LDB (1996 a 2005), a abertura de novos cursos teve seu maior crescimento, de 209,9%. Os gráficos das figuras 1 e 2 mostram a evolução no número de IES e cursos superiores entre os anos de 1985 e 2012.

Figura 1 - Evolução do número de IES no Brasil



Fonte: INEP

Figura 2 - Evolução do número de cursos em IES



Fonte: INEP

Para Barbosa (2014) a expansão e diversificação do ensino superior geram importantes discussões sobre o seu significado, que se tornou particularmente importante num país com níveis muito baixos de escolarização. Há evidências de que as qualificações pagam bem, porém, de maneira desigual.

Por meio de pesquisa com análise qualitativa, Prates e Silva (2014) identificaram que os cursos de bacharelado e licenciatura, no sistema público brasileiro, criam vantagens no mercado de trabalho, em termos de prestígio do cargo ocupado, em comparação com o sistema privado. Esta afirmação requer atenção, pois de acordo com Ristoff (2013), em 2011, o setor privado respondia por 79% dos concluintes da graduação e, nas últimas duas décadas, tem sido o principal responsável pela formação dos profissionais de nível superior no país.

O crescimento da educação superior, baseado na expansão das IES privadas permite diferentes análises. Barbosa (2014) aponta que existem sinais de que os benefícios pessoais com maior educação estão se tornando mais importantes. Analisando mudanças pelas quais passam estudantes adultos e trabalhadores de cursos superiores de tecnologia, Smaniotto e Mercuri (2007) abordam questões de ordem social, pessoal, acadêmico e profissional.

Porém, Prates e Silva (2014) alertam que instituições privadas adotam um modelo de gestão próprio das organizações empresariais, deixando de criar, como no caso das instituições vocacionais, um capital cultural minimamente necessário para seus formandos escalarem as barreiras colocadas para se atingir os postos de trabalho de prestígio no mercado.

A tabela 1, com números obtidos através do censo da educação superior de 2013 (INEP), comparada aos gráficos das figuras 1 e 2, deixa dúvidas sobre a continuidade da expansão. Houve crescimento de 1,62% no número de cursos e redução de 1,03% no número de IES.

Tabela 1 - Números do Censo da Educação Superior 2013

Números do Censo da Educação Superior 2013	
Matriculados	7.273.142
Instituições de Ensino Superior	2.391
Privada sem fins lucrativos	1.099
Privada com fins lucrativos	991
Pública Estadual	119
Pública Federal	106
Pública Municipal	54
Especial	22
Cursos	32.382
Grau Acadêmico dos Cursos	
Bacharelado	17.905
Licenciatura	7.920
Tecnológico	6.224
Não aplicável	333
Modalidade dos Cursos	
Presencial	31.121
Curso a distância	1.261

Fonte: Autora, levantamento de dados INEP

No cenário de expansão do ensino superior, os cursos de Bacharel em Administração representam parcela significativa.

2.1 Bacharel em Administração

Embora a administração enquanto atividade humana se perca nas brumas dos séculos, há pouco tempo se cogitou que fosse objeto de escolarização, principalmente no interior da universidade. O início do curso, no final do século XIX, é reivindicado pelos Estados Unidos e França, mas foi nos Estados Unidos que a educação em administração se instalou na Universidade (BERTERO, 2006).

De acordo com Castro (1991) os EUA iniciaram os primeiros cursos de administração de empresas com a criação da Wharton School, em 1881. Bertero (2006) afirma que, curiosamente, o Brasil é dos primeiros países, além dos Estados Unidos, a escolarizar a administração, criando relativamente cedo escolas, cursos, departamentos e faculdades de administração.

Nicolini (2003) coloca que os primeiros cursos de administração, no Brasil, datam de 1902, quando a Escola Alvares Penteado, no Rio de Janeiro e a

Academia de Comércio, em São Paulo, passam a ministrar o estudo da Administração. Porém, o ensino só foi regulamentado em 1931, com a criação do Ministério da Educação e a estruturação do ensino em todos os níveis.

Na década de 1960, o clima sociopolítico favorável ao crescimento e ao desenvolvimento econômico do Brasil e a expansão dos programas de PhD e MBA nos Estados Unidos motivou o interesse no ensino superior em Administração (OLIVEIRA e SAUERBRONN, 2007). Esta informação é confirmada por Castro (1991) que chama atenção para as dimensões significativas alcançadas pelos cursos de administração, que passou de dois cursos em 1954 para 31 em 1967 e 177 em 1973.

Para Bertero (2006), entre as razões que motivaram a difusão do profissional de administração no Brasil está o surgimento de grandes empresas, a partir da segunda metade do século XX, e o aumento da competitividade. Fatos que exigem melhor desempenho e impossibilitam a direção das empresas por poucos acionistas ou herdeiros despreparados.

Oliveira e Sauerbronn (2007) colocam que uma discussão em torno dos principais desafios, que a área de administração enfrenta no início do século XXI, expõe a necessidade de considerar as principais tendências para uma possível transformação no ensino superior. O ensino superior de administração de empresas manteve a tendência de crescimento desordenado dos cursos de graduação. Expondo pensamento semelhante, Bertero (2006) faz previsões preocupantes:

O resultado desta massificação do ponto de vista dos bacharéis que se formam é que seus futuros profissionais têm pouco a ver com o que noutros países se entende por uma carreira de administrador. A grande maioria jamais ocupará um posto de gestor, mesmo que de primeira linha ou de supervisão simplesmente porque lhes falta tanto o capital intelectual como o social para adentrar e ter uma carreira plena de gestor. Ao fim e ao cabo a expansão dos cursos de graduação entre nós acabou por transformar o que deveria ser um curso destinado à formação de um grupo profissional novo, engajado em processo de transformação de organizações e através delas da própria realidade nacional, num curso de “educação geral”. Um bacharelismo pejorativo numa nova versão e com outra roupagem (BERTERO, 2006, p.21).

Em 2009 administração representava 18,5% das matrículas no ensino superior, colocando-se como o maior curso de graduação (INEP, 2010). Os números e autores citados inspiraram a pesquisa.

3. Metodologia

O foco deste estudo é um grupo de egressos de Bacharel em Administração, que cursaram o ensino superior no período noturno e concluíram a graduação em 2004, quase dez anos após o início do processo de expansão em pauta neste artigo. A IES em questão é uma universidade privada sem fins lucrativos, localizada na cidade de São Paulo e que iniciou significativo processo de expansão em 2001, ano do ingresso da maioria dos questionados. Em 2015, a mensalidade aproximada do curso de Administração, nesta instituição, é de R\$410,00, colocando-a entre os valores mais competitivos praticados pelas IES privadas.

Para desenvolvimento da pesquisa realizou-se levantamento de dados estatísticos oficiais sobre a educação superior, as universidades privadas e os

cursos de Bacharel em Administração. A revisão bibliográfica permitiu desenvolvimento do contexto histórico do ensino superior no Brasil, da profissionalização da administração e formulação do questionário aplicado.

O questionário com 15 perguntas fechadas, 3 de escala *Likert* (tópico 4.4) e uma de livre expressão (tópico 4.4), desenvolvido com a ferramenta Survey Monkey, foi enviado a 53 membros do grupo de uma rede social. A escolha foi feita por conveniência e julgamento. Foram coletadas 22 respostas entre os dias 18 e 28 de junho de 2015.

4. Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa permitem avaliar significativa evolução profissional para os membros do grupo e levantar questionamentos e reflexões que abrem caminhos para novas pesquisas e possíveis comparações.

Dos 22 respondentes, 59,9% eram mulheres. A tabela 2 apresenta os números detalhados dos questionários enviados e respondidos.

Tabela 2 - Números de questionários distribuídos e respondidos

Sexo	Homem	Mulher	Total
Questionários Enviados	25	28	53
Questionários Respondidos	9	13	22

Fonte: Autora

4.1 Perfil Acadêmico e Profissional

O perfil acadêmico e profissional dos respondentes, antes de ingressar no curso de Bacharel em Administração, está na tabela 3.

Tabela 3 - Perfil dos respondentes antes do início do curso

Questões	Opções	Homem	Mulher	Total	% Geral
Intervalo entre fim do ensino médio e início do curso de graduação	De 2 a 6 meses	3		3	13,64%
	De 6 meses a 2 anos		6	6	27,27%
	De 2 a 5 anos	3	1	4	18,18%
	De 5 a 10 anos	3	5	8	36,36%
	Mais de 10 anos		1	1	4,55%
Formação técnica ou profissional antes de iniciar a graduação	Sim	1	4	5	22,73%
	Não	8	9	17	77,27%
Possua Ocupação profissional remunerada antes do início do curso.	Sim	8	12	20	90,91%
	Não		1	1	4,55%
	Não respondeu	1		1	4,55%
Motivação para o início do curso de Bacharel em Administração. (Pergunta permitia mais de uma opção)	Continuidade dos estudos	3	9	12	54,55%
	Busca por melhoria de cargo e salário	8	11	19	86,36%
	Pressão por parte do empregador (discursos ameaçadores ou insinuantes, constante mudanças no quadro de funcionários, etc...)	1		1	4,55%
	Incentivo por parte do empregador (ajuda de custo, promessa de promoção, etc...)			1	4,55%
	Ameaça por consequência do aumento da competitividade do mercado de trabalho (caso precisasse buscar novo emprego)		1	1	4,55%
	Realização pessoal	6	6	12	54,55%

Fonte: Autora

O índice de pessoas que iniciaram o curso superior até seis meses após o término do ensino médio é baixo (13,64%). Existe significativa concentração de pessoas que iniciaram o curso cinco anos ou mais após o fim do ensino médio (40,91%). Dos respondentes, 22,73% possuía formação técnica ou profissional

em diferentes áreas e 90,91% exerciam atividade profissional remunerada antes do início do curso.

O principal motivador, identificado para o início do curso superior, foi a busca por melhor cargo e salário, indicado por 86,36% dos respondentes. Continuação dos estudos e realização pessoal também teve representação significativa, ambos, apontados por 54,55% dos respondentes. Há indícios de que muitos dos respondentes custearam a graduação e tiveram influência do trabalho na escolha do curso superior, porém a pesquisa não permite essa afirmação.

4.2 Salários, cargos e o desenvolvimento de profissionais no mercado

Para este item foi possível identificar pontos positivos e outros mercedores de reflexão. O período analisado foi benéfico do ponto de vista econômico, com baixos índices de desemprego. A tabela 4 mostra o posicionamento e a evolução profissional dos egressos questionados.

Tabela 4 - Perfil profissional atual dos respondentes

Questões	Opções	Homem	Mulher	Total	% Geral
Trabalhando atualmente	Sim	8	13	21	95,45%
	Não	1		1	4,55%
Cargo ou posição atual	Assistente ou similar	2	4	6	27,27%
	Coordenador ou similar	3	5	8	36,36%
	Gerente ou similar	2	2	4	18,18%
	Diretor ou similar		1	1	4,55%
	Empreendedor	2	1	3	13,64%
Departamento	Recursos Humanos		1	1	4,55%
	Financeiro	3	5	8	36,36%
	Comercial/Vendas	3	3	6	27,27%
	Sócio/Proprietário	2	2	4	18,18%
	Outros	1	2	3	13,64%
Faixa salarial	Até 2 salários mínimos	1		1	4,55%
	Entre 2 e 4 salários mínimos	1	2	3	13,64%
	Entre 4 e 6 salários mínimos		7	7	31,82%
	Entre 6 e 8 salários mínimos	3	2	5	22,73%
	Entre 8 e 10 salários mínimos		1	1	4,55%
	Acima de 10 salários mínimos	3	1	4	18,18%
Não respondeu	1		1	4,55%	
Mudou de Empresa após a conclusão do curso	Não	2	6	8	36,36%
	Uma vez	2	3	5	22,73%
	Duas vezes	3	2	5	22,73%
	Mais de duas vezes	2	2	4	18,18%
Passou algum tempo sem ocupação profissional remunerada após a finalização do curso	Não	4	11	15	68,18%
	Entre 1 e 6 meses	1	1	2	9,09%
	Entre 6 meses e 1 ano	1		1	4,55%
	Entre 1 e 2 anos	1	1	2	9,09%
	Mais de 2 anos	2		2	9,09%
Motivo para a(s) troca(s) de emprego. Possibilidade de marcar mais de uma opção.	Foi demitido da empresa anterior	2		2	9,09%
	Melhor salário	3	2	5	22,73%
	Melhores condições de trabalho (benefícios, horário, maior autonomia, etc...)	4	1	5	22,73%
	Melhores oportunidades profissionais (empresa maior e com melhor conceito no mercado, plano de carreira, etc...)	3	5	8	36,36%
	Melhor cargo	3	2	5	22,73%
	Se tornou empreendedor	2	1	3	13,64%
	Empresa falhou		1	1	4,55%
Viagem ao exterior	1		1	4,55%	
Teve melhoria de cargo/posição profissional após a conclusão do curso superior	Não	3	1	4	18,18%
	Sim. Através da troca de empresa	1	5	6	27,27%
	Sim. Dentro da mesma empresa	5	7	12	54,55%

Fonte: Autora

Dos respondentes, 95,45% estão empregados. Após a conclusão do curso, 63,64% trocou de emprego pelo menos uma vez e, destes, 50% passou algum tempo sem ocupação profissional remunerada e, do grupo, 68,18% nunca ficou desempregado.

Esses egressos estão predominantemente no setor financeiro (36,36%). Do grupo, 77,28% apresentam rendimento mensal acima de 4 salários mínimos e 22,73% ganham acima de 8 salários mínimos.

O artigo não objetivou fazer análises de gênero, porém foi possível verificar a desvantagem salarial das mulheres. Dos homens respondentes 66,67% ganham acima de seis salários mínimos, enquanto entre as mulheres este percentual cai para 30,77%. Não se identificou relevante diferença entre os cargos ocupados, entretanto a empregabilidade é melhor entre as mulheres, baseada na informação de que 84,61% das respondentes nunca ficaram sem ocupação profissional remunerada após a conclusão do curso.

Em termos de evolução profissional, 81,82% tiveram melhoria de cargo ou posição profissional após o término do curso, sendo que 54,55% teve este benefício sem mudar de empresa. Os cargos de maior atuação são os de coordenador ou similar (36,36%), contrariando a afirmação de Bertero (2006) com relação aos postos de gestores de primeiro nível (tópico 2.1). Porém, o único respondente em nível de diretoria é sócio/proprietário da empresa, indicando possíveis barreiras para que este público ocupe cargos de prestígio no mercado de trabalho.

4.3 Continuidade dos estudos

Dos respondentes, 40,91% deu continuidade aos estudos após a conclusão do curso de Bacharel em Administração. Destes 44,44% fez curso de extensão/especialização e pós-graduação *Lato Sensu*, 33,33% fez somente o curso de extensão/especialização e 11,11% fez somente pós-graduação *Lato Sensu*. Não existe a continuidade dos estudos por meio de Mestrado ou Doutorado.

As informações da tabela 5 mostram os cursos concluídos pelos respondentes que deram continuidade aos estudos. Os percentuais apresentados são referentes aos 22 respondentes.

Tabela 5 - Cursos posteriores ao Bacharel em Administração

Questões	Opções	Homem	Mulher	Total	% Geral
Continuidade dos estudos após a conclusão do curso de Bacharel em Administração.	Curso de extensão/especialização e pós-graduação <i>Lato Sensu</i>	2	2	4	18,18%
	Curso de extensão/especialização		3	3	13,64%
	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>		1	1	4,55%
	Curso Superior de Tecnologia	1		1	4,55%

Fonte: Autora

4.4 Expectativas e satisfação dos profissionais com o curso

Referente às expectativas e à satisfação com o curso, os resultados são bons, mas com ressalvas. O curso atendeu ou superou as expectativas de 63,64% dos respondentes, porém decepcionou 4,55%. Para 100% dos respondentes o curso tem alguma influência na trajetória profissional, ainda que baixa para 31,82%.

O nível de influência do curso na identidade e autoconfiança dos respondentes é alto ou muito alto para 59,09% e baixo para 36,36%. Um

respondente, que representa 4,55%, respondeu que o curso não influencia em sua identidade e autoconfiança.

A satisfação e percepção dos respondentes sobre a graduação estão detalhadas na tabela 6.

Tabela 6 - Análise de satisfação e percepção dos respondentes

Questões	Opções	Homem	Mulher	Total	% Geral
O curso de Bacharel em Administração atendeu as expectativas	Decepcionou	1		1	4,55%
	Não Atendeu			0	0,00%
	Parcialmente	3	4	7	31,82%
	Atendeu	3	9	12	54,55%
	Superou	2		2	9,09%
Nível de influência do curso na trajetória profissional	Prejudicou			0	0,00%
	Nenhum			0	0,00%
	Baixo	2	5	7	31,82%
	Alto	5	7	12	54,55%
	Muito Alto	2	1	3	13,64%
Nível de influência do curso na identidade e autoconfiança	Prejudica			0	0,00%
	Nenhum		1	1	4,55%
	Baixo	3	5	8	36,36%
	Alto	4	7	11	50,00%
	Muito Alto	2		2	9,09%

Fonte: Autora

Na questão aberta foram mencionados pontos referentes à satisfação. Uma das respostas continha a seguinte declaração:

“O curso foi muito genérico, se dependesse só dele, teria tido pouca evolução intelectual”.

Esta opinião diverge dos outros respondentes desta questão. Alguns apontaram a visão ampla dos administradores, a abrangência do curso, que permite a execução de diferentes tarefas, a base de conhecimento e a disciplina adquirida durante o curso como pontos positivos.

5. Considerações finais

As preocupações referentes aos cursos de Bacharel em Administração e sua massificação devem ser consideradas e analisadas. Porém é necessário preservar a importância desta formação para seus egressos.

O público deste estudo cursou o ensino superior no período noturno, em uma IES privada de preço competitivo e 90,91% dos respondentes possuíam ocupação profissional remunerada antes do início do curso. Este perfil é similar ao descrito por Bertero (2007) como predominante nos cursos de Administração.

A pesquisa permitiu identificar bom índice de empregabilidade, relevante evolução profissional (81,81%) e bom nível de satisfação entre os egressos (tópico 4.4). Não é possível afirmar que a satisfação com o curso está diretamente ligada ao crescimento profissional, pois um dos egressos, com remuneração superior a 10 salários mínimos, se mostrou muito insatisfeito.

O índice de continuidade dos estudos e de profissionais em cargos de gerência e diretoria são pontos relevantes de reflexão em relação à evolução intelectual e as possíveis barreiras para alcançar posições de prestígio. Entretanto, não é prudente classificar estes percentuais como baixos sem outros comparativos, que poderiam ser: egressos das IES públicas, de IES privadas de prestígio e custo pouco acessível ou de profissionais de outras áreas.

Ainda que fosse possível afirmar que houve baixa evolução intelectual e que existem barreiras quase intransponíveis para se atingir posições de maior prestígio, é preciso reconhecer os benefícios da formação superior para essas pessoas.

Em um país onde o número de vagas em universidades públicas e o número de pessoas em condições de financiar uma universidade privada de prestígio é reduzido, as IES privadas de preço competitivo tornaram-se uma oportunidade. Ignorar este fato não auxilia na busca pela redução da desigualdade. Entretanto, reconhecer os benefícios, para estes indivíduos e a sociedade, é um caminho que permite identificar os pontos a serem aprimorados neste sistema. Sem a mesma, é provável que os salários seriam inferiores, a empregabilidade comprometida e o positivo período econômico não teria sido tão proveitoso para estes entrevistados.

O estudo enfocou pessoas graduadas há mais de dez anos, possibilitando a análise do desenvolvimento da trajetória profissional. Neste período, além da importante expansão do ensino superior, mudanças relevantes ocorreram, entre essas, a oferta de novos cursos para profissionais de gestão. Os cursos superiores de tecnologia na área de gerenciamento e administração certamente já significa uma mudança em curso no perfil do profissional da área, o que deverá ser considerado em novos estudos e pesquisas sobre a temática.

Referências

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. **O ensino superior no Brasil: credencial, mérito e os coronéis.** In: _____ (Org.). Ensino Superior: expansão e democratização. 1.ed, p51-71. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014

BERTERO, Carlos Osmar. **A Docência Numa Universidade em Mudanças.** Cadernos EBRAP. v.5, Edição Especial, p. 1-11, jan. 2007.

_____. **Ensino e Pesquisa em Administração.** Coleção Debates em Administração. São Paulo: Thomson Learnign, 2006. 135p.

CASTRO, Cláudio de Moura. **O Ensino da Administração e Seus Dilemas.** Revista de Administração de Empresas, v.21, n3, p.58-61, jul/set. 1981.

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino Superior e Universidade no Brasil.** In: VEIGA, Cynthia Greive; FARIA FILHO, Luciano Mendes; TEIXEIRA, Eliane Marta Lopes (Org.). 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Microdados Censo da Educação Superior.** Disponível em < <http://portal.inep.gov.br/basica-levantamentos-acessar> >. Acesso em mai. 2015.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; Ministério da Educação. **Resumo Técnico Censo da Educação Superior de 2009.** Brasília, 2010. Disponível em < <http://portal.inep.gov.br/web/centro-da-educacao-superior/resumos-tecnicos> >. Acesso em abr. 2015.

NICOLINI, Alexandre. **Qual será o Futuro das Fabricas de Administradores?** Revista de Administração de Empresas. v.43, n2, p44-54, abr/mai/jun. 2003.

OLIVEIRA, Fatima Bayma de. SAUERBRONN, Fernanda Filgueiras. **Trajetoária, desafios e tendências no ensino superior de administração e administração pública no Brasil: uma breve contribuição.** RAP – Revista da Administração Pública. Edição comemorativa. p.149-170, 1967-2007.

PRATES, Antônio Augusto Pereira; SILVA, Matheus Faleiros. **Os efeitos diferenciais do tipo de instituição de ensino superior sobre o prestígio dos seus egressos no mercado de trabalho.** In: BARBOSA, Maria Lúcia de Oliveira(Org.). Ensino Superior: expansão e democratização. 1.ed. p. 129-153, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014

RISTOFF, Dilvo. **Vinte e um anos de educação superior** – Expansão e democratização. Cadernos do GEA, n.3, 56p. jan/jun. 2013

SMANIOTTO, Sandra R. Uliano; MERCURI, Elizabeth. **Cursos Superiores de Tecnologia:** um estudo do impacto provocado em seus estudantes. Boletim Técnico Senac, v.33, n.2, p.71-79 mai/ago. 2007

TAKAHASHI, Adriana Roseli Wünsch. **Cursos superiores de tecnologia em gestão:** reflexões e implicações da expansão de uma (nova) modalidade de ensino superior em administração no Brasil. RAP - Revista de Administração Pública, v.44. n.2, p. 385-414, mar/abr. 2010.